



CEPEA

CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM
ECONOMIA APLICADA - ESALQ/USP

| MERCADO DE TRABALHO DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO |

MULHERES NO AGRONEGÓCIO

EDIÇÃO ESPECIAL | VOLUME 2



EXPEDIENTE

Coordenação geral | Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros e Alexandre Nunes de Almeida

Coordenação do estudo | Nicole Rennó Castro e Leandro Gilio

Equipe | Marcello Luiz de Souza Junior e Ana Carolina de Paula Morais

Jornalista responsável | Alessandra da Paz (Mtb: 49.148)

Revisão | Bruna Sampaio (Mtb: 79.466), Flávia Gutierrez (Mtb: 53.681) e Nádia Zanirato (Mtb: 81.086)

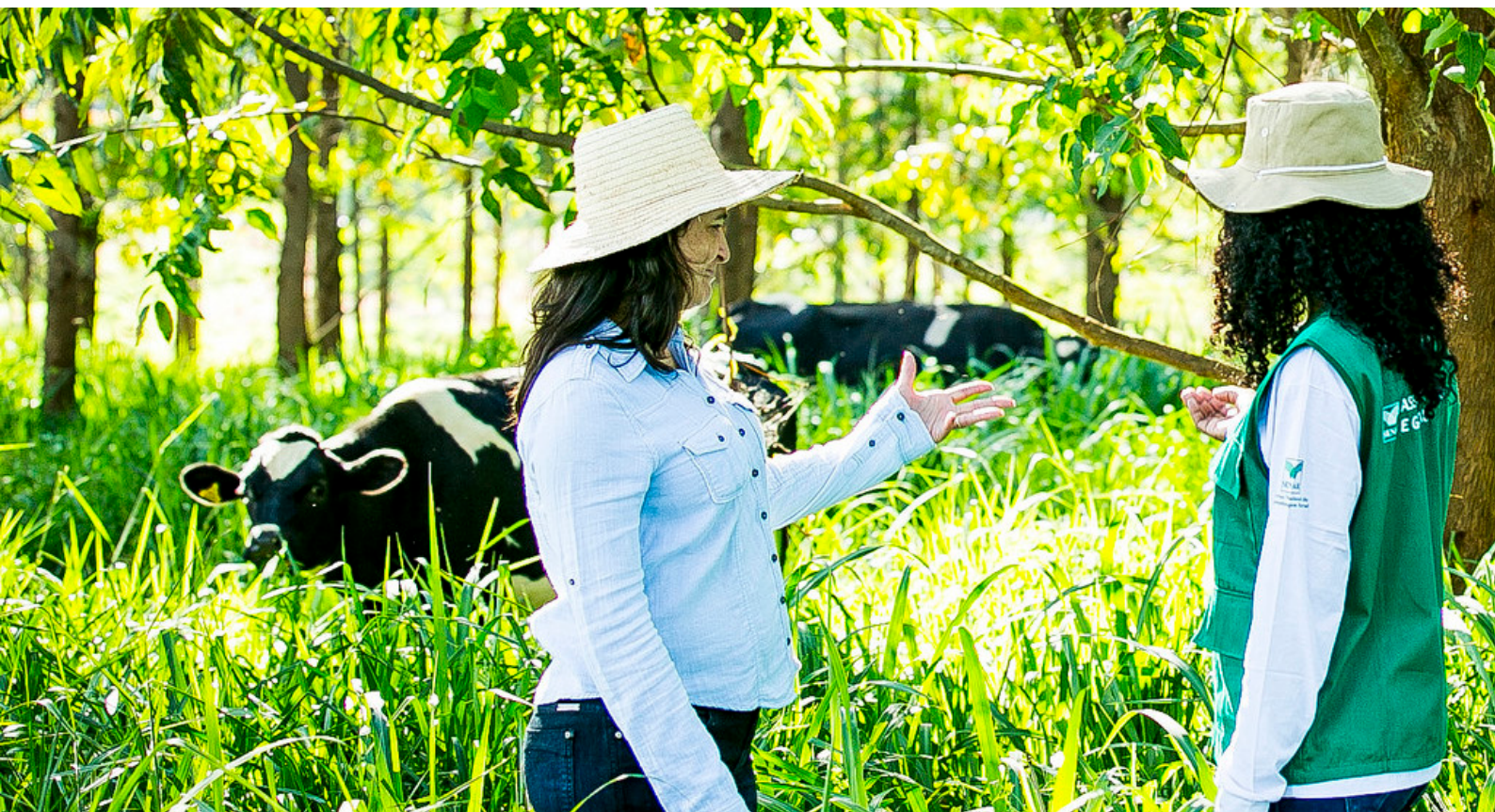
Diagramação | Bruna Sampaio (Mtb: 79.466)

Fotos | CNA/Senar

.....

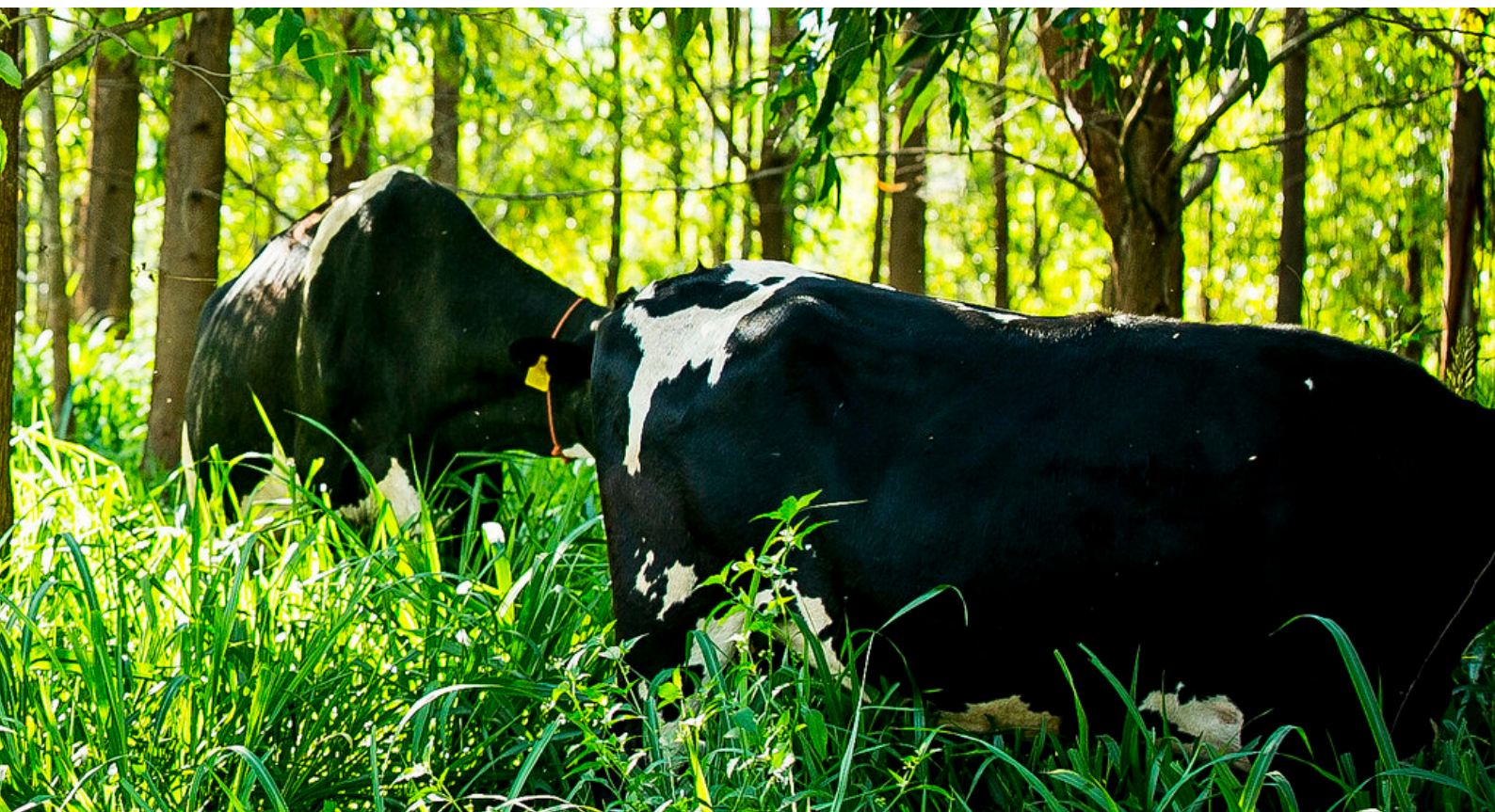
Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA).
Mulheres no Agronegócio. Piracicaba, v. 2, Janeiro|2019.

Avenida Pádua Dias, 11, São Dimas, Piracicaba-SP
(19) 3429-8800 | cepea@usp.br | www.cepea.esalq.usp.br



SUMÁRIO

Introdução	5
1. A contribuição dos grupos socioeconômicos	6
2. O papel do agronegócio na evolução da participação feminina no mercado de trabalho brasileiro	8





NOTAS METODOLÓGICAS

O Acompanhamento do Mercado de Trabalho do Agronegócio realizado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA) aborda aspectos da conjuntura e da estrutura do mercado de trabalho do setor. O agronegócio, setor foco deste estudo, é entendido como a soma de quatro segmentos: insumos para a agropecuária, produção agropecuária básica, ou primária, agroindústria (processamento) e agrosserviços. A pesquisa do Cepea utiliza como principal fonte de informações os microdados da PNAD-Contínua e, de forma complementar, dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS-MTE) e de outras pesquisas do IBGE. É importante mencionar que as análises do Cepea se baseiam na PNAD-Contínua, que não contempla indivíduos que atuam no setor produzindo apenas para próprio consumo. A descrição metodológica do cálculo e o acompanhamento do mercado de trabalho do agronegócio podem ser obtidos mediante solicitação: pibcepea@usp.br.

INTRODUÇÃO

Em publicação anterior, o Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada) da Esalq/USP iniciou um estudo especial sobre a atuação das mulheres no mercado de trabalho do agronegócio brasileiro – Mulheres no Agronegócio (Edição Especial | Volume 1) –, reunindo dados recentes e evidências empíricas que permitiram identificar a evolução do número de trabalhadoras neste setor, bem como o perfil dessa força de trabalho feminina no que diz respeito à escolaridade, posição na ocupação e categorias de emprego, idade, estado civil e situação de domicílio.

Os principais resultados encontrados no primeiro volume deste estudo demonstraram uma evolução positiva da participação feminina na população ocupada no agronegócio (PFPOAGRO) frente ao total de ocupados no setor. Neste segundo volume, buscou-se ampliar a compreensão sobre este importante resultado e seus efeitos no contexto nacional. Para isso, foram respondidas as questões:

pos socioeconômicos de trabalhadoras para o crescimento da participação feminina na população ocupada no agronegócio durante o período analisado? ii) Dado esse importante crescimento da participação feminina no agronegócio, qual foi o papel do setor na evolução da participação feminina no mercado de trabalho brasileiro como um todo?

Vale destacar que este estudo considera como pessoa ocupada¹ (ou trabalhador(a)) aquelas que (i) são empregadas com ou sem carteira assinada, (ii) atuam por conta própria ou (iii) são empregadoras. Ademais, o conceito de participação feminina se refere à relação entre o número de mulheres e o número total (homens e mulheres) de ocupados em cada setor. Para obtenção das informações, são utilizados os procedimentos metodológicos desenvolvidos pelo Cepea para filtragem dos ocupados no agronegócio e os microdados anuais da PNAD. De forma complementar, utiliza-se também os dados da RAIS, do antigo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).



¹ Empregos relacionados à carreira pública, militar ou subsistência foram excluídos da análise pelo fato de tais atividades apresentarem um mercado de trabalho com características distintas das relações tradicionais de contratação, remuneração e respostas ao nível de atividade econômica e outros choques.

1 A CONTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS SOCIOECONÔMICOS

Entre 2004 e 2015, o número de mulheres empregadas no agronegócio aumentou consistentemente, registrando crescimento de 8,32% no período. Contudo, essa evolução positiva não ocorreu de maneira sistemática entre os diversos grupos socioeconômicos de trabalhadoras.

Com o intuito de verificar quais grupos apresentaram as maiores contribuições para essa variação no período, subdividiu-se a população de mulheres ocupadas no setor a partir do estado civil (casada e solteira), nível de instrução

(não declarado, sem instrução, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior) e idade (30 anos ou menos e maiores que 30 anos).

A construção dos perfis de trabalhadoras a partir das características e classes citadas anteriormente resultou em 20 diferentes grupos, que são apresentados na Tabela 1, juntamente com as respectivas contribuições para o crescimento total de 8,32% no número de empregadas no agronegócio (coluna 3) durante os anos analisados.

Perfil das trabalhadoras	Abreviação	Contribuição para o crescimento
Casada, mais de 30 anos e ensino médio	Casada, >30, EM	107.37%
Casada, mais de 30 anos e ensino superior	Casada, >30, SUP	46.17%
Solteira, mais de 30 anos e ensino médio	Solteira, >30, EM	41.98%
Casada, 30 anos ou menos e ensino superior	Casada, <30, SUP	22.66%
Solteira, mais de 30 anos e ensino superior	Solteira, >30, SUP	20.95%
Casada, 30 anos ou menos e ensino médio	Casada, <30, EM	19.86%
Solteira, 30 anos ou menos e ensino superior	Solteira, <30, SUP	8.70%
Solteira, 30 anos ou menos e ensino médio	Solteira, <30, EM	5.67%
Solteira, mais de 30 anos e nível de instrução não declarado	Solteira, >30, ND	-0.24%
Casada, mais de 30 anos e ensino fundamental	Casada, >30, EF	-0.39%
Casada, 30 anos ou menos e nível de instrução não declarado	Casada, <30, ND	-0.51%
Casada, mais de 30 anos e nível de instrução não declarado	Casada, >30, ND	-1.16%
Solteira, 30 anos ou menos e nível de instrução não declarado	Solteira, <30, ND	-1.20%
Solteira, 30 anos ou menos e sem instrução	Solteira, <30, SI	-1.65%
Solteira, mais de 30 anos e ensino fundamental	Solteira, >30, EF	-2.00%
Casada, 30 anos ou menos e sem instrução	Casada, <30, SI	-6.34%
Casada, mais de 30 anos e sem instrução	Casada, >30, SI	-22.39%
Solteira, mais de 30 anos e sem instrução	Solteira, >30, SI	-29.22%

Solteira, 30 anos ou menos e ensino fundamental	Solteira, <30, EF	-32,55%
Casada, 30 anos ou menos e ensino fundamental	Casada, <30, EF	-75,70%
Total		100%

Tabela 1. Contribuição de cada perfil para o crescimento (8,32%) do número de mulheres ocupadas no agronegócio entre 2004 e 2015.
Fonte: Cepea, a partir de informações dos microdados da PNAD e dados da RAIS.

Ao analisar os cinco perfis de trabalhadoras que mais influenciaram no desempenho positivo do número de mulheres empregadas no agronegócio (Figura 1), destaca-se a presença de casadas e solteiras com mais de 30 anos e ensino médio

(149,35%); casadas com mais de 30 anos e ensino superior (46,17%); casadas com 30 anos ou menos e ensino superior (22,66%) e solteiras com mais de 30 anos e ensino superior (20,95%).

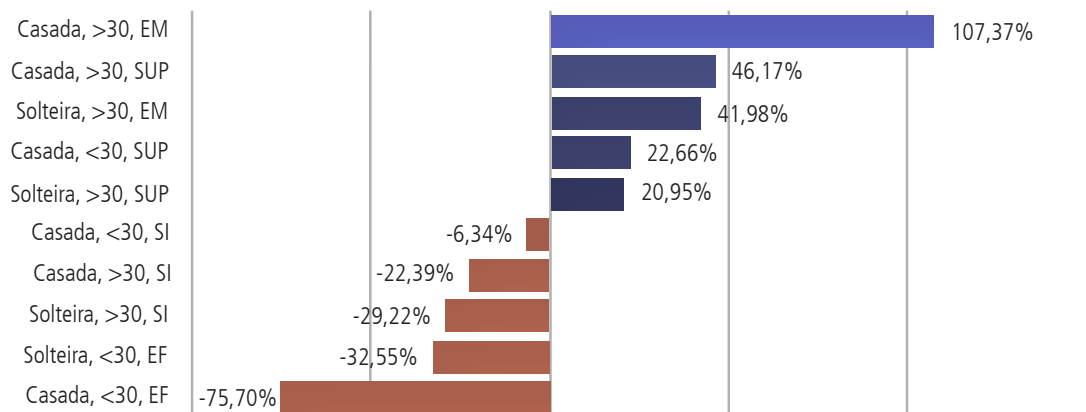


Figura 1 – Principais contribuições (negativas e positivas) para o crescimento do número de empregadas no agronegócio entre 2004 e 2015.
Fonte: Cepea, a partir de informações dos microdados da PNAD e dados da RAIS.

No que se refere aos perfis que desfavoreceram o crescimento da população de mulheres ocupadas no setor, nota-se a participação de casadas, com 30 anos ou menos e ensino fundamental (75,70%); solteiras, com 30 anos ou menos e ensino fundamental (32,55%); solteiras, com mais de 30 anos e sem instrução (29,22%); casadas, com mais de 30 anos e sem instrução (22,39%) e casadas, com 30 anos ou menos e sem instrução (6,34%).

Ao contrastar as diferentes dinâmicas apresentadas pelos grupos destacados, nota-se a importância que o aumento da presença de mulheres acima de 30 anos e com relativamente melhores níveis de qualificação exerceu sobre o crescimento da população de ocupadas no agronegócio. No outro extre-

mo, predominaram entre os grupos com altas contribuições negativas aqueles com mulheres de baixa instrução, sejam casadas ou solteiras, e para os diferentes grupos de idade.

Esses resultados decorrem de mudanças importantes na estrutura do mercado de trabalho feminino no agronegócio. A tendência consistente de mudança do perfil dos empregos em direção a posições de maior escolaridade reflete o surgimento de oportunidades de postos de trabalho de maior qualidade para as mulheres nesse setor, com possíveis impactos positivos na produtividade do trabalho e nos salários médios. Por um lado, esse movimento atrela-se ao crescimento das agroindústrias e das atividades do segmento de agrosserviços. Ainda, conforme já verificado em outros estu-

dos relacionados ao mercado de trabalho do agronegócio, tem sido crescente, mesmo na agropecuária, a exigência de qualificação dos trabalhadores, o que corresponde a maiores modernização e tecnificação do trabalho no campo.

Não obstante, o fato de mulheres com 30 anos ou mais ocuparem mais vagas no mercado de trabalho reflete-se em uma maior massa salarial² oriunda do agronegócio sendo absorvida por um segmento da po-

pulação que geralmente detém grandes responsabilidades no sustento dos domicílios.

No entanto, é importante que novos estudos e políticas públicas venham a lançar foco sobre a realocação das mulheres que deixaram de participar da população ocupada no agronegócio, sobretudo aquelas acima de 30 anos e com baixo grau de instrução, em virtude da relativa maior fragilidade econômica que tais perfis podem apresentar.

2 O PAPEL DO AGRONEGÓCIO NA EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO FEMININA NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO

Iniciando a análise da realidade nacional, e do papel do agronegócio para os resultados do País, dividiu-se as mulheres em dois setores excludentes: empregadas no agronegócio e empregadas em outros setores da economia. Para ambas as divisões, calculou-se a PFPO (participação das mulheres na população ocupada de cada setor) e a participação do setor na população ocupada no país (POP) – homens e mulheres – para os anos de 2004 e 2015.

A partir dessas informações, foi possível calcular os efeitos tamanho (ET) e incidência (EI)³ referentes ao aumento de 1,92 p.p. na participação de mulheres no total de ocupados no Brasil (PFPOBRASIL). Em outras palavras, calculou-se em que medida a elevação da participação feminina na população ocupada do Brasil (PFPOBRASIL) esteve atrelada a mudanças no tamanho relativo do mercado de trabalho dos diferentes setores – agrone-

gócio e demais (ET) – e/ou a uma intensificação do total de mulheres participando do mercado de trabalho em cada um dos setores (EI). Esses resultados constam na Tabela 2.



² Massa salarial de origem no agronegócio.

³ Neste trabalho, o efeito incidência mostra a parcela da mudança na participação feminina no mercado de trabalho brasileiro (frente ao total de ocupados, decorrente apenas de alterações nas participações femininas dentro de cada setor (agronegócio e demais setores), e o efeito tamanho mostra a parcela da mudança na participação feminina no mercado de trabalho brasileiro (frente ao total de ocupados) decorrente apenas de alterações no tamanho relativo dos setores.

	2004		2015		EI	ET	Contrib. EI	Contrib. ET
	PFPO	POP	PFPO	POP				
Agronegócio	24.11%	27.06%	27.97%	21.63%	1.04%	-1.52%	54.41%	-79.26%
Outros Setores	43.38%	72.94%	43.43%	78.37%	0.03%	2.36%	1.80%	123.05%
Brasil	38.17%	100.00%	40.09%	100.00%	1.08%	0.84%	56.21%	43.79%

Tabela 2 – Decomposição do crescimento da PFPOBRASIL entre 2004 e 2015
Fonte: Cepea, a partir de informações dos microdados da PNAD e dados da RAIS.

Os resultados obtidos demonstram que 56,21% do crescimento observado na PFPOBRASIL no período analisado foram consequência de uma intensificação da entrada de mulheres no mercado de trabalho (frente ao número de homens), ou seja, representam o chamado efeito incidência e são explicados a partir das alterações sociais, econômicas e culturais que ocorreram em nossa sociedade nas últimas décadas. Nota-se, ainda, que esse resultado se concentrou em grande medida no agronegócio (54,41%).

Já os 43,79% restantes estão relacionados ao efeito tamanho. Nesse caso, o resultado reflete a redução relativa do agronegócio no total de ocupados no País, combinada ao fato de que a taxa de participação feminina no setor se manteve mais baixa que a dos demais setores no período.

Então, no que se refere à dinâmica setorial, nota-se que, apesar de o agronegócio apresentar uma relativa menor participação na população ocupada brasileira (21,63% em 2015), o crescimento mais expressivo de 3.86p.p. na PFPOAGRO fez com que o setor contribuísse de maneira relevante para a evolução positiva da PFPOBRASIL. Ou seja, como a participação feminina na força de trabalho cresceu em maior intensidade no agronegócio do

que nos demais setores, essa dinâmica do setor exerceu uma influência positiva na taxa de participação feminina no Brasil como um todo. A título de comparação, tem-se que a elevação da PFPOOUTROS foi de 0.05p.p. no mesmo período.

Por sua vez, vale ressaltar que a intensificação da PFPOAGRO pode ser atribuída não apenas ao aumento do número de mulheres trabalhando no agro, mas também a uma queda expressiva no número de homens atuando no setor, que tem ocorrido sobretudo no segmento primário ou “dentro da porteira”. Durante o período analisado, houve o ingresso de 384.582 mulheres em postos de trabalho relacionados ao agronegócio, contra uma redução de aproximadamente 1,65 milhão de homens. Esse descompasso entre a evolução de trabalhadores e trabalhadoras no setor tem contribuído para o crescimento da PFPOAGRO.

PRÓXIMA EDIÇÃO

No próximo volume, o Cepea apresentará análises voltadas aos rendimentos no agronegócio, o que permitirá, uma vez controlados todos os demais fatores, a comparação de salários médios entre homens e mulheres que atuam no agronegócio e, ainda, mulheres ocupadas no setor *versus* empregadas em outros segmentos da economia.